



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS
JURÍDICAS E ECONÔMICAS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

ADONIS MASAYOSHI ISHIHARA CRISTOVÃO

**OS IMPACTOS DA COVID-19 NAS FINANÇAS PESSOAIS DE JOVENS
BRASILEIROS**

**RIO DE JANEIRO
2023**

ADONIS MASAYOSHI ISHIHARA CRISTOVÃO

**OS IMPACTOS DA COVID-19 NAS FINANÇAS PESSOAIS DE JOVENS
BRASILEIROS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como pré- requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ochesendorf Leal

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

Prof. Dr. Luiz Ochesendorf Leal - Prof. Orientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dra. Monica Visconti - Prof. Convidado
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dra. Maria Cecilia - Prof. Convidado
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer a todos que, de alguma forma, foram essenciais para que esta monografia acontecesse.

Primeiramente, agradeço ao corpo docente da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis por toda dedicação e comprometimento nos ensinamentos transmitidos durante todos esses anos.

Ao meu orientador, o professor Luiz Antônio Ochesendorf Leal, por ministrar aulas com afinco. Obrigado por todo incentivo e por todo o conhecimento compartilhado.

As minhas professoras leitoras, as professoras Monica Visconti e Maria Cecilia que prontamente aceitarem me avaliar nessa última avaliação.

A minha família, por todo o carinho e suporte, que nunca mediu esforços para me apoiar e ajudar em todas as decisões da minha vida.

Portanto, muito obrigado a todos que de alguma forma me ajudaram a tornar este objetivo realidade.

RESUMO

A Covid-19 trouxe impactos negativos em diversos âmbitos, sanitários, econômicos, políticos, dentre outros, inclusive, nas finanças pessoais dos indivíduos, no qual muitos se viram sem emprego, com emergências ou rendas drasticamente reduzidas. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho é analisar os impactos da Covid-19 nas finanças pessoais de jovens brasileiros. Os objetivos específicos são: estudar o contexto da Covid-19 e impactos da pandemia na economia; identificar a importância da gestão das finanças pessoais; analisar os impactos da Covid-19 nas finanças pessoais de jovens brasileiros e; demonstrar soluções e ferramentas que podem auxiliar os jovens na gestão das finanças. A metodologia utilizada na pesquisa, em relação à coleta de dados, é bibliográfica, com coleta de dados nas bibliotecas virtuais Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal Periódicos CAPES, Google Scholar e revistas especializadas. O estudo tem objetivos exploratórios e análise qualitativa dos dados. Os resultados demonstram que grande parte dos jovens administrava as finanças pessoais confiando apenas à memória, com os impactos da pandemia, muitos sentiram a necessidade de rever, cortar e gerir os gastos de forma mais eficiente. Na maior parte dos casos, a pandemia trouxe efeitos negativos como perda de emprego individual ou de familiares, redução de salários e renda, maior custo de vida devido à inflação, entre outros. Muitos jovens não tinham reserva de emergência e, atualmente, veêm como aspecto relevante. Assim comprehende-se que a educação financeira é um campo que fornece os conhecimentos e ferramentas adequadas para um conhecimento e comportamento financeiros mais equilibrados, permitindo uma vida adulta sem restrições e maior qualidade de vida.

Palavras-chave: Covid-19; Impactos; Finanças Pessoais de Jovens; Educação Financeira.

ABSTRACT

Covid-19 has had negative impacts in various areas, health, economics, political, among others, including the personal finances of individuals, in which many found themselves without a job, with emergencies or drastically reduced incomes. In this way, the general objective is to analyze the impacts of Covid-19 on the personal finances of young Brazilians. The specific objectives are: to study the context of Covid-19 and the impacts of the pandemic on the economy; identify the importance of managing personal finances; analyze the impacts of Covid-19 on the personal finances of young Brazilians and; demonstrate solutions and tools that can assist young people in managing finances. The methodology used in the research, in relation to data collection, is bibliographic, with data collection in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal Periodicals CAPES, Google Scholar and specialized journals. The study has exploratory objectives and qualitative data analysis. The results show that most young people managed personal finances relying only on memory, with the impacts of the pandemic, many felt the need to review, cut and manage spending more efficiently. In most cases, the pandemic has brought negative effects such as the loss of individual or family jobs, reduced wages and income, higher cost of living due to inflation, among others. Many young people did not have an emergency reserve and, currently, they see it as a relevant aspect. Financial education is a field that provides the right knowledge and tools for a more balanced financial knowledge and behavior, allowing for an unrestricted adult life and a better quality of life.

Keywords: Covid-19; Impacts; Youth Personal Finance; Financial education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Mudanças no rendimento da população brasileira.	11
Gráfico 2 - Conhecimento de estudantes respondentes sobre finanças pessoais. ...	16
Gráfico 3 - Sobre múltiplas percepções dos entrevistados.	18
Gráfico 4 - Investimento de estudantes durante a pandemia.	19
Gráfico 5 - Rendimento em 7 anos na Poupança, Renda Fixa e Bolsa de Valores ..	23

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Rentabilidades, Valores Mínimos, Carências e Vencimentos 22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	10
2.1 COVID-19 E IMPACTOS ECONÔMICOS	10
2.2 FINANÇAS PESSOAIS	12
2.3 IMPACTOS DA COVID-19 NAS FINANÇAS PESSOAIS DE JOVENS.....	14
2.4 GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS PELOS JOVENS	24
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Com a pandemia da Covid-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, diversos países tiveram de adotar medidas de restrição e distanciamento social, de forma a evitar o aumento do contágio. Por isso, diversas atividades econômicas precisaram paralisar ou ser reduzidas, o que, consequentemente, gerou demissões de trabalhadores, diminuição ou perda da renda fixa de boa parte dos brasileiros e um aumento nos índices de desemprego (BARBOSA et al., 2021).

Um estudo feito pela Confederação Nacional de Indústrias (CNI) em maio de 2020, demonstrou que 4 a cada 10 brasileiros sofreram uma perda da sua capacidade econômica, desde que a pandemia afetou o país (AGUIAR; BOTELHO, 2021). Nesse contexto, destaca-se que os jovens têm maior sensibilidade ao ciclo econômico e ao desemprego, por diversas razões.

Dessa forma, as taxas de desemprego de jovens já vinham crescendo entre os anos de 2012 e 2019, especialmente entre 2015 e 2017. A taxa de jovens que buscavam um trabalho há mais de 1 ano chegou a 38,8% em 2019, se intensificando durante o período da pandemia do covid. Tais fatos se tornam preocupantes principalmente para os jovens que estão ingressando na carreira profissional (CORSEUIL; FRANÇA; POLOPONSKY, 2020).

Com isso, surge a questão de como as finanças pessoais dos jovens foram afetadas devido à pandemia da Covid-19. Algumas pesquisas sugerem que, antes da pandemia, a maior parte dos jovens administrava as finanças pessoais de forma não estruturada e, após a pandemia, essa percepção sobre as finanças pessoais pode ter sido alterada, em decorrência dos impactos em suas finanças (BARBOSA et al., 2021).

A principal motivação deste estudo é avaliar e compreender os diferentes impactos causados nas finanças pessoais de jovens devido à pandemia da Covid-19, de forma a estudar como essa população foi afetada. Além disso, busca-se demonstrar quais mudanças houve no comportamento financeiro de jovens e soluções e ferramentas que podem auxiliar para uma gestão das finanças pessoais, de forma a fortalecer os conhecimentos sobre educação financeira, o que é uma necessidade não somente para os jovens, mas para grande parte da população brasileira.

Dessa forma, o objetivo geral é analisar os impactos da Covid-19 nas finanças pessoais de jovens brasileiros. Os objetivos específicos são: estudar o contexto da Covid-19 e impactos da pandemia na economia; identificar a importância da gestão das finanças pessoais; analisar os impactos da Covid-19 nas finanças pessoais de jovens brasileiros; demonstrar soluções e ferramentas que podem auxiliar os jovens na gestão das finanças pessoais.

A metodologia utilizada na pesquisa, em relação à coleta de dados, é bibliográfica, método em que se realiza uma busca e identificação de materiais e conceitos disponíveis na literatura acerca de um problema de pesquisa. Foram pesquisados artigos científicos e obras em bibliotecas virtuais, como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal Periódicos CAPES e Google Scholar. Os critérios de inclusão foram: estudos publicados entre 2015 e 2022 de forma a priorizar artigos mais recentes, texto completo e com informações que respondessem ao objetivo geral da pesquisa. O estudo tem objetivos exploratórios e análise qualitativa dos dados

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 COVID-19 E IMPACTOS ECONÔMICOS

A Covid-19 é uma doença transmitida pelo novo Coronavírus, do qual provoca infecções respiratórias que podem trazer sintomas leves ou graves e, em alguns casos, comprometer a vida. O primeiro caso foi notificado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, localizada na China. A partir de então, o contágio teve rápida disseminação entre diversos países. O Brasil teve seu primeiro caso registrado em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, período em que todos os países já se encontravam em estado de alerta. (BARBOSA *et al.*, 2021).

O estado de pandemia foi declarado em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), no qual mais de 115 países já estavam sendo afetados pela doença. A partir disso, medidas de restrição e distanciamento social foram adotadas para evitar aglomerações e mais contágios, com isso, diversas atividades econômicas foram paralisadas.

Conforme Barbosa *et al.* (2021, p. 16):

Dante da rápida contaminação entre as pessoas infectadas, o aumento das taxas de contágio e de mortes na localidade, fez com o que o governo tomasse medidas de controle como o fechamento de locais de entretenimento, proibições de reuniões públicas, suspensão de transporte público, higienização das ruas e restrição domiciliar aos cidadãos, tornando assim uma mobilização ativa da OMS nos acompanhamentos dos casos.

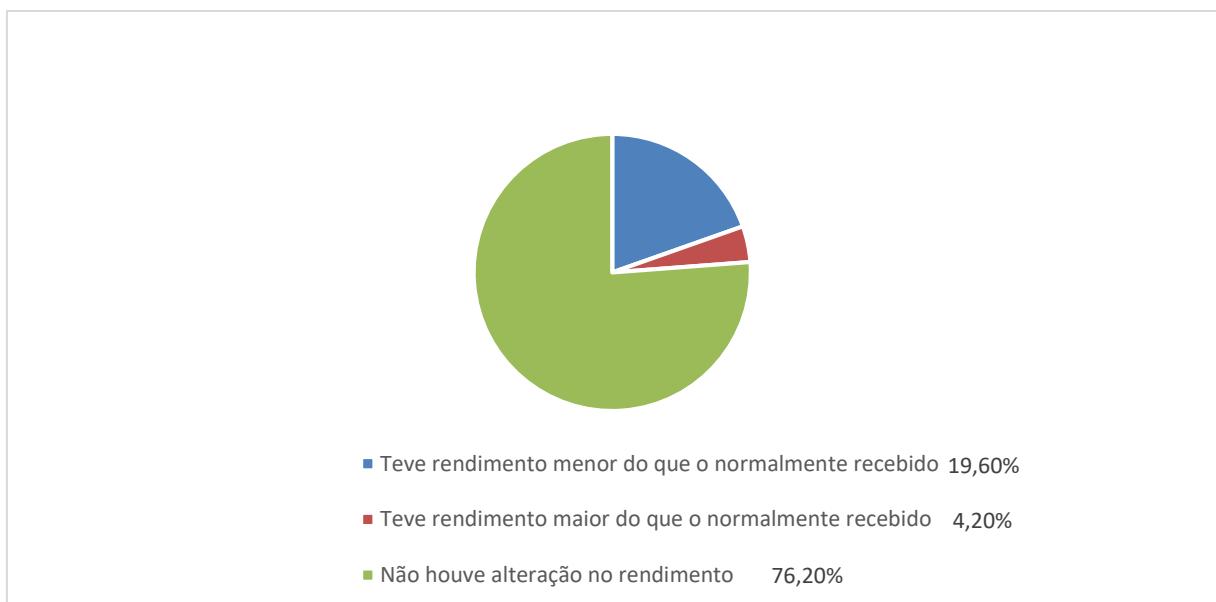
Com tais medidas de distanciamento, isolamento social e redução da atividade econômica, diversos empresários precisaram reduzir a carga horária e a quantidade de funcionários, o que, consequentemente, gerou um aumento do desemprego. Com isso, uma parcela da população perdeu sua fonte de renda fixa (BARBOSA *et al.*, 2021).

A Confederação Nacional de Indústrias (CNI) demonstrou em pesquisa, em maio de 2020, que 4 em cada 10 brasileiros sofreram uma perda em sua capacidade econômica, desde que a pandemia afetou o país. Os dados também demonstraram que 23% dos respondentes tiveram uma perda total de sua fonte de renda e 17% tiveram redução. A pesquisa também demonstrou que houve um endividamento de 53% da população e 40% já contavam com um ou mais pagamentos em atraso. (AGUIAR;BOTELHO,2021).

Uma pesquisa realizada pelo IBGE (2020), em novembro de 2020, demonstrou que 879 mil trabalhadores tiveram que ser afastados do trabalho e perderam sua fonte de renda. Outros 3.554 mil foram afastados, mas continuaram recebendo a remuneração ou já não eram remunerados.

Os dados também apontaram que 19,6% da população brasileira obteve um rendimento menor do que o comum desde o início da pandemia, enquanto 76,2% não sofreu mudança no seu rendimento (IBGE, 2020). Esses dados são demonstrados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Mudanças no rendimento da população brasileira.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE (2020).

Frente a isso, o auxílio emergencial foi uma das medidas adotadas pelo Governo Federal para auxiliar parte da população que perdeu sua renda ou teve sua jornada de trabalho reduzida. Uma média de 41,0% dos domicílios brasileiros foram atendidas pelo auxílio, com uma média de R\$ 558 reais recebidos mensalmente (IBGE, 2020).

No entanto, o auxílio não foi suficiente para suprir todas as necessidades financeiras da população. Dessa forma, muitos tiveram que utilizar suas reservas de emergência, gerar renda extra ou reduzir os gastos. Um aumento do endividamento e da inadimplência também ocorreu a partir desse período (BARBOSA et al., 2021).

Para além de uma crise na saúde, a pandemia da Covid-19 trouxe uma crise na economia e no âmbito social. Como destacam Aguiar e Botelho (2021), os impactos causados pela pandemia em um contexto econômico são destrutivos e vem intensificando a desigualdade social e concentração de renda nos países, aumentando o número de pessoas em condições de vulnerabilidade e precariedade no trabalho.

2.2 FINANÇAS PESSOAIS

As finanças pessoais caracterizam uma área da Ciência que se aprofunda na aplicação dos conceitos financeiros em escolhas nas finanças e escolhas de determinado sujeito ou família (SILVA et al., 2018). Dessa forma, estudam-se os eventos financeiros e a fase de vida do indivíduo ou família para que se possa ter um controle e planejamento financeiro.

Assim, a gestão das finanças pessoais fundamenta-se em conhecimentos e ferramentas voltadas para uma melhor utilização do dinheiro e geração de renda. Possibilita uma melhor administração dos recursos, a criação de reserva de emergência baseada no real custo de vida, não somente as despesas obrigatórias, bem como a realização de investimentos e planejamento a longo prazo, como aposentadoria. Além disso, objetiva o controle dos gastos e a eliminação ou negociação de dívidas, reduzindo o nível de endividamento (MAGALHÃES, 2021).

Os estudos sobre as finanças pessoais estão voltados à geração e utilização do dinheiro, lidando com as questões que envolvem a administração dessas finanças. A gestão das finanças pessoais é um hábito fundamental para quem deseja ter organização e realização de metas no decorrer da vida.

Nesse sentido, Magalhães (2021, p. 17-18) destaca que as finanças pessoais devem assegurar os seguintes pontos:

(...) Que as despesas do indivíduo ou família sejam pagas através de recursos obtidos de fontes que possua o domínio, para não contar com imprevistos de recursos de terceiros; as despesas sejam equilibradas, tendo uma boa relação entre consumo e poupança; utilizar em último caso os recursos oferecidos por terceiros, buscando sempre o menor custo; as metas pessoais estabelecidas possam ser atingidas, comparando o querer com o poder; e, o patrimônio pessoal esteja em crescimento obtendo a independência financeira e reduzindo a procura de recursos emprestados para satisfazer os desejos.

Dessa forma, comprehende-se que as finanças pessoais devem gerar conscientização para possibilitar benefícios em múltiplos pontos, entre eles, que o indivíduo arque com suas despesas e/ou sua família, de forma que não necessite de ajuda externa, de terceiros.

Ainda, segundo os autores Fernandes, Monteiro e Santos (2012, p 10) finanças pessoais é:

(...) finanças pessoais é a maximização da riqueza do indivíduo, perpassando pelas decisões de financiamento, investimento, consumo, poupanças e avaliação do risco e do retorno que estejam alinhados com os objetivos individuais. E para conseguir bons resultados é necessária a noção dos instrumentos financeiros e do funcionamento dos mercados, pois na ausência desse conhecimento o aparecimento de vieses nas decisões se torna inerente aos investidores incultos

Logo, precisa-se trazer equilíbrio às despesas, com consciência do consumo e da poupança, bem como possibilitar que as metas pessoais sejam atendidas. A utilização de auxílio externo deve ser o último recurso, buscando sempre o menor custo. Além disso, deve assegurar o crescimento do patrimônio e a independência financeira.

No entanto, apesar da gestão das finanças pessoais servir para diversos aspectos e, no geral, para trazer segurança ao indivíduo e sua família, o tema não é inserido na cultura do país. As finanças pessoais ainda são pouco discutidas nas escolas e na maior parte das instituições de ensino brasileiras. Por isso, tal tema ainda é atual no país (BARBOSA *et al.*, 2021).

Em pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC, 2019) em janeiro de 2019, demonstrou-se que aproximadamente 36% dos brasileiros não realizam a gestão das finanças pessoais. As principais causas relatadas são relacionadas a preferir administrar de cabeça, pois não vê necessidade de controle de todos os gastos (23%), não conseguir administrar por falta de disciplina (18%), por preguiça (12%) ou falta de tempo (11%).

Outra pesquisa realizada em 2015, com estudantes do curso de Administração, demonstrou que os respondentes acabavam contraindo dívidas devido à falta de planejamento sobre as finanças pessoais e controle sobre os gastos não necessários (MAGALHÃES, 2021).

Sendo assim, o gerenciamento das finanças pessoais busca trazer ao indivíduo conhecimentos e ferramentas para que possa compreender as funções do dinheiro e

como melhor adquirir e utilizar de forma que atenda às necessidades e desejos. Por isso, negligenciar esses conhecimentos pode gerar profundos impactos, especialmente em momentos de crise econômica e social.

É importante ressaltar que o padrão de consumo de jovens e até mesmo crianças mudou e vem sofrendo grandes mudanças, impulsionado pela própria sociedade de consumo do século XXI (SILVA *et al.*, 2021). Crianças vem sendo expostas e estão utilizando aparelhos digitais, por exemplo, cada vez mais cedo, em paralelo às tecnologias e os preços que também vêm avançando.

Nesse sentido, uma má gestão das finanças pessoais pelos jovens pode trazer múltiplos problemas, que vão desde os pessoais, como os interpessoais, alcançando o âmbito social. Podendo trazer até mesmo dificultar as relações sociais, na medida que amplia as dificuldades enfrentadas (SILVA *et al.*, 2021). Por isso, destaca-se que realizar uma eficiente gestão das finanças pessoais previne diversos reflexos negativos na vida de um indivíduo e sua família.

2.3 IMPACTOS DA COVID-19 NAS FINANÇAS PESSOAIS DE JOVENS

O estudo de Barbosa *et al.* (2021) buscou avaliar a percepção de estudantes universitários, com média de 24,28 anos de idade, quanto às modificações que a Covid-19 trouxe em suas finanças. Os resultados demonstraram que, antes da pandemia, a maior parte dos estudantes não realizava um planejamento financeiro estruturado, confiando as informações de renda e gastos apenas à memória. Por isso, destacaram que sentiram uma maior necessidade de planejar as finanças de maneira organizada e sistematizada.

Entre os estudantes entrevistados, a maioria não obtinha reserva de emergência, no entanto, após a pandemia, passaram a perceber como um elemento relevante. Dessa forma, observou-se nessa pesquisa que, na maior parte dos casos, a pandemia trouxe reflexos negativos nas finanças pessoais dos estudantes, por fatores como: perda de emprego individual ou de familiares, redução de salários e de renda, maior custo de vida com o aumento da inflação, entre outros (BARBOSA *et al.*, 2021).

Machado (2020), que buscou identificar as decisões financeiras em estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em sua maioria entre 16 a 24 anos, demonstrou que 62,8% dos entrevistados se sentem-se

razoavelmente seguros para administrar o próprio dinheiro. Por conseguinte, 66% dos estudantes afirmaram que anotam e analisam os gastos de forma rotineira.

Além disso, 80,9% declarou que houve mudanças na forma de realizar compras no período da pandemia, em que a maior parte passou a realizar compras online. 83% consideram de grande importância inserir uma disciplina voltada à Educação Financeira nos cursos de graduação (MACHADO, 2020).

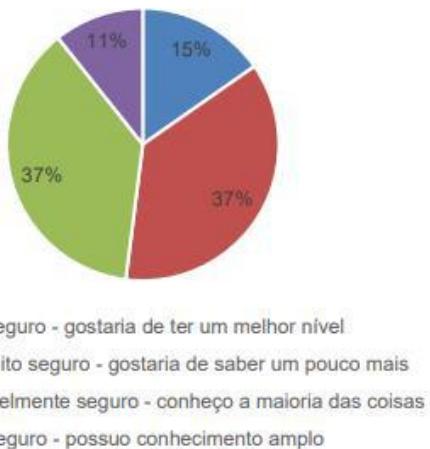
É importante destacar o estudo de Lima (2021), que ressalta que mais de 43% dos jovens brasileiros investem em negócio tendo como referência redes sociais e influencers. Para mais de 63% dos jovens entrevistados, é possível ganhar dinheiro de maneira acelerada através de orientações encontradas em redes sociais. Isso é importante ser refletido, pois muitos acabam assumindo riscos investindo, muitas vezes, na informação fornecida por pessoas que muitas vezes não tem uma formação adequada para o que se propõe a transmitir.

Lima (2021) também destacou em sua pesquisa que mais de 70 % dos jovens estavam guardando dinheiro, decorrente de diversos fatores. Porém, conforme esse pesquisador, essa economia muda de acordo a classe social do jovem, isto é, as Classes A e B são a maioria, ficando acima dos 80%, quanto a Classe C e D cai para 52% de jovens que guardam seus dinheiro. As razões se sintetizam em dois, primeiro guardar para poder ter algum capital emergencial e segundo para poder ter um tipo de renda garantida mensal.

Magalhães (2021) buscou avaliar o comportamento financeiro de estudantes de administração, em sua maioria jovens de 21 a 30 anos, de uma Instituição Pública de Ensino durante a pandemia da Covid-19, e demonstrou o conhecimento de estudantes sobre finanças pessoais. O gráfico com os dados é demonstrado a seguir:

Gráfico 2 - Conhecimento de estudantes respondentes sobre finanças pessoais.

Durante a pandemia, como você classifica seu conhecimento sobre finanças pessoais? Você se sente:



Fonte: Magalhães (2021).

Os dados demonstraram que a maior parte dos estudantes não dispõe de amplo conhecimento sobre finanças pessoais, destacando que se sentem pouco ou nada seguros com seus saberes sobre o tema, e que gostariam de saber mais. Outro ponto importante a se refletir, a partir do gráfico, é que parte da população jovem brasileira se encontra desempregada e, quando empregada, o salário, muitas vezes mínimo, impede que faça investimentos. Em muitos casos, o dinheiro já se encontra comprometido para sua manutenção existencial básica

Isso é importante ser destacado, pois muitos jovens deixam de investir não por não conhecerem ou terem medo, mas por terem seu dinheiro comprometido para outras despesas, como: aluguel, água, luz, alimentação e outros super inflacionados. Assim, vêem sua renda ser comprometida rapidamente, no qual muitas vezes até mesmo falta, ficando praticamente inviável de o trabalhar arcar com tais despesas e investir ganhando um salário mínimo.

Conforme pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2021, observando desde o auge da pandemia no Brasil e em outros lugares do mundo, foi constatado que a Pandemia gerou forte restrição nesses jovens. Por consequência disso, houve reduções e deslocamentos nos seus consumos, redução de trabalhos, atividade do dia a dia, interação pessoal e impacto nos negócios.

Ainda, em pesquisa, Ernerst e Young (2020) realizaram entrevista com 1.003 pessoas, acima dos 18 anos, sendo 51% público feminino e 49% masculino. Também

ocorreu entre junho e julho com entrevistados acima dos 18 anos de idade e de várias classes sociais. A partir disto, observaram que as maiores preocupações estavam em relação aos fatores econômicos na pandemia e o quanto estava impactando o Brasil. Também, a saúde e a família dividiam essa atenção. Assim:

97% dos entrevistados estão preocupados com a economia do Brasil, mostrando que a situação econômica aflige mais o brasileiro do que questões ligadas à saúde, que foi o segundo motivo de preocupação entre os fatores analisados. A preocupação com a saúde dos familiares supera a atenção com a sua própria saúde (96% e 94%, respectivamente). Outros dois aspectos preocupam mais de 90% da população: impacto social e na comunidade (96%) e sua condição financeira (92%) (ERNEST; YOUNG, 2020, p. 03).

Isto é, a economia é um dos fatores de preocupação dos jovens nessa fase pandêmica, visto que, são momentos de incertezas e instabilidade. Decorrente disso, se guarda mais dinheiro para poder ter algum tipo de segurança frente a essas adversidades.

Conforme pesquisa, as condições financeiras estão presentes entre 92% dos entrevistados e impacto social com 96%, sendo esse fator para afetar aquele de maneira direta ou indireta, como, por exemplo, o próprio Covid-19 que afetou diversas áreas. O gráfico a seguir, mostra mais alguns números da pesquisa em questão:

Gráfico 3 - Sobre múltiplas percepções dos entrevistados.

Preocupações sobre o impacto da pandemia

% de respostas)

- Não estão preocupados
- De certo modo preocupados
- Extremamente preocupados

Economia de meu país



Saúde da minha família



Impacto social e comunitário



Minha saúde



Minhas finanças



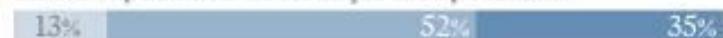
Minha liberdade para desfrutar a vida



Meu trabalho



Minha capacidade de alcançar meu potencial



Meu acesso aos bens de necessidade básica



Meus relacionamentos



Fonte: Ernest and Young, 2020.

Conforme o gráfico, a instabilidade é um fator que deixa os entrevistados receosos com o quadro econômico do país. Visto que, um dos fatores mais significantes está, também, na quarentena, *lockdown* – ocorrida principalmente em 2020 –, com o comércio fechado.

Desta forma, ainda de acordo com a pesquisa, a manutenção básica se tornou ponto importante mais preocupante nas finanças e barrou boa parte do que poderia se transformar em investimento. Além do afastamento de muitos jovens de seus

trabalhos, o desemprego que já era numeroso, fez com que muitos começassem a trabalhar remotamente, por conta disso, a pesquisa destacou o seguinte:

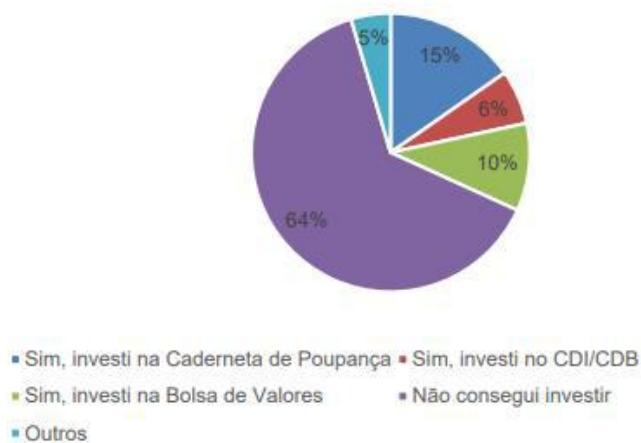
87% dos entrevistados disseram estar preocupados com o acesso às necessidades básicas (alimentação e itens pessoais), 87% revelaram preocupação com sua capacidade de alcançar seu potencial e 85% disseram estar preocupados com seus empregos (ERNEST; YOUNG, 2020, p. 04).

Por essas circunstâncias terem ocorrido, 75% dos entrevistados estão destacando preocupações a nível de convivência, principalmente por estarem trabalhando em casa, de maneira remota, o que leva a temer demissão. Por isso, como a vida pessoal virou um dos pontos mais importantes, 71% busca focar em suas higienes pessoais e manutenção da casa.

Ainda, outros 54% responderam que reduziram suas compras e focaram apenas nos essenciais à suas subsistências. Por um lado, na medida que o consumo de produtos estéticos tiveram uma leve redução, por outro lado, as compras on-lines tiveram um crescimento. Em relação aos investimentos dos estudantes durante a pandemia, observa-se o gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Investimento de estudantes durante a pandemia.

Você conseguiu investir durante a pandemia?



Fonte: Magalhães (2021).

Desta forma, como destacado no gráfico, é perceptível o pouco de investimento dos jovens na Pandemia, visto que, os jovens fizeram menos aplicações, pois foi um momento em que muitos preferiram "reter" seu dinheiro para eventuais emergências.

Ainda, muitos jovens brasileiros se encontraram desempregados e trabalhando como diaristas. Também houve reduções de contratação, o que influencia na ampliação na taxa de não investimento.

Desta maneira, apenas 10 % dos jovens fizeram algum tipo de investimento, como em bolsas de valores, destacado na cor verde. Conforme pesquisa liderada pela B3 (2022), a média de investidores na bolsa de valores fica cada vez mais jovem no Brasil, isto é, até 2020 a média de idade do investidores brasileiro ficava em 48 anos, porém, no segundo semestre de 2021, as coisas mudaram e essa média baixou para 37 anos de idade.

Assim, conforme a B3, uma das principais bolsas de valores mundiais e a oficial brasileira, destacando-se como a quinta maior do mundo em 2017, ressalta em sua pesquisa que essa mudança representou uma diminuição de mais de 10 anos de idade na média de investidores. Esse rejuvenescimento começou em 2016 e foi se intensificando. Conforme a pesquisa da B3 (2022), esses jovens investidores buscam segurança financeira e garantia de estabilidade com prazos razoáveis.

Desta forma, na atualidade são mais de 5.000.000 milhões de brasileiros com contas abertas na B3, sendo que 62% estão com idade abaixo dos 40 anos de idade. Além disso, mais de 600.000 mil jovens com até 24 anos de idade tem contas naquela bolsa de valores, representando 12% dos investidores.

Ainda de acordo a B3 (2022), em 2016, por exemplo, os jovens de até 24 anos de idade não somavam um total de 1% de investidores na bolsa de valores brasileira. Sendo assim, foi o grupo de faixa etária que mais teve crescimento nos últimos 5 anos. Para isso, uma das grandes razões está na entrada dos jovens ao mercado de trabalho, informações, com a internet também acelerando esses dados.

Com a imigração das empresas para os 'papéis digitalizados', a negociação online foi fortalecida. Ainda, as rendas variáveis viraram uma das mais procuradas na nossa era digital, fora o fato de ter muitos investimentos ofertando retornos altos e rápidos, porém com risco na mesma proporção. Por outro lado, existem investimentos seguros que também atraem muitos os jovens.

Conforme o gráfico 04, 6% dos jovens investem no CDI/CDB. A partir disso, é importante entender que o Certificados de Depósitos Interbancários (CDI), o Certificado de Depósito Bancário (CDB) e também o Recibo de Depósito Bancário (RBD) são visto como mais 'complexos' e acompanham a Taxa Selic, vinculada ao Banco Central brasileiro. Ainda, não oferecem um retorno alto como em certos

investimentos na B3, isto é, na bolsa de valores.

Conforme Sancosta (2020, p. 01) sobre:

CDI é a sigla de Certificados de Depósitos Interbancários. Eles são, na verdade, empréstimos feitos entre os bancos. E como se trata de algo que só circula entre os bancos, uma pessoa não consegue comprar um CDI. [...] o CDI guia o rendimento do CDB. [...] por quê os bancos emprestam dinheiro entre si? Porque eles são obrigados por lei a encerrar o dia com seu caixa positivo. Se o banco não tem dinheiro para fechar o dia no azul, ele precisa pegar dinheiro emprestado com outros bancos. E a taxa de juros desses empréstimos se chama taxa DI (conhecida popularmente como CDI).

Desta forma, o CDI é um guia para o rendimento do CDB, principalmente quando um banco precisa de algum eventual empréstimo, isso impedirá de fechar o dia negativado. Assim, de acordo a Sancosta (2020, p. 01), CDI é a taxa de juros em empréstimo entre bancos de onde o “DI” vem, como já destacado outrora, de “Depósitos Interbancários”.

Para Lauritzen (2022, p. 03), tanto o CDB quanto o RDB são:

[...] títulos de renda fixa, representativos de depósitos a prazo, utilizados pelos bancos comerciais como mecanismos de captação de recursos. Estes tipos de investimento envolvem uma promessa de pagamento futuro do valor investido, acrescido da taxa pactuada no momento da transação. Ao comprar um CDB, você está emprestando dinheiro para o Banco e recebendo juros em troca. Ao final do prazo contratado, o banco deve lhe pagar o valor aplicado (principal), acrescido da remuneração prevista quando da aplicação. Esta remuneração nunca é negativa.

Porém, deve ser ressaltado, existem discrepâncias entre CDB e RDB, são essas diferenças que demonstram outro fator para os 6% de jovens, conforme o Gráfico 3, investirem em CDB/CDI e não no RDB. Para perceber esse ponto, pesquisadores como Lauritzen (2022, p. 03) descrevem da seguinte maneira:

A diferença entre os CDBs e os RDBs é que os CDBs podem ser negociados antes do vencimento, enquanto os RDBs são inegociáveis e intransferíveis. Porém, no caso do CDB, negociar o título antes do prazo mínimo implica em perda de parte da remuneração (devolução com deságio). É importante lembrar que tanto o CDB quanto o RDB podem ser resgatados junto à instituição emissora, antes do prazo contratado, desde que decorrido o prazo mínimo de aplicação. Antes do prazo mínimo não são auferidos rendimentos.

Assim, a CDB se torna mais atrativa do que a RDB, pois aquela primeira consegue ser mais flexível. Pois, ao investir no CDB, os jovens conseguem realizar negócios antes dos vencimentos, entretanto, essa ação pode retirar parte das

remunerações que o investidor iria receber. Quanto ao RDB, esse não é, de acordo a Lauritzen (2022), negociável e intransferível. Porém, tanto CDB quanto RDB têm pontos em comuns, “podem ser resgatados junto à instituição emissora, antes do prazo contratado, desde que decorrido o prazo mínimo de aplicação” (p. 03). É importante destacar que, se o jovem retirar seu investimento antes de atingir o prazo mínimo, esse não terá nenhum rendimento.

Por consequência, são essas “burocracias” e prazos que acabam afastando muitos jovens ao investimento da RDB, por isso, no Gráfico 04, eles representam 6% investindo na CDB/CDI. Entretanto, isso também explica a razão de se ter 10% desses jovens preferindo investir em bolsas de valores, como na B3, se tornando a faixa etária que mais investe nos últimos cinco anos na B3 (2022). A tabela a seguir destaca uma margem simples de investimento:

Tabela 1 - Rentabilidades, Valores Mínimos, Carências e Vencimentos

Rendimento comparado com a poupança	Carência	Aplicação Mínima
120% do CDI	171%	365 dias
115% do CDI	161%	181 dias
110% do CDI	157%	1 dia

Fonte: PagBank, 2020.

Desta maneira, a Tabela 1 busca fazer uma exemplificação de investimentos na CDI e observando alguns pontos interessantes. Entre eles, os rendimentos, tempo mínimo para receber ou retirar o dinheiro investido com lucro – denominado de ‘carência’ – e os valores mínimos de investimento. Ainda, fazendo um paralelo entre as porcentagens de rendimentos tanto no CDI quanto na Poupança.

Assim, aqui fica evidenciado a procura da bolsa de valores, mesmo com todo o risco, pois dependendo da ação, o jovem pode pegar o dinheiro de maneira mais rápida. Isto é diferente da CDI, que requer um tempo de carência e dependendo do investimento, só poderá receber, por exemplo, a partir de um ano. Isso acaba afastando muitos jovens, visto que querem retorno mais imediato, porém, outros

preferem investir com mais segurança.

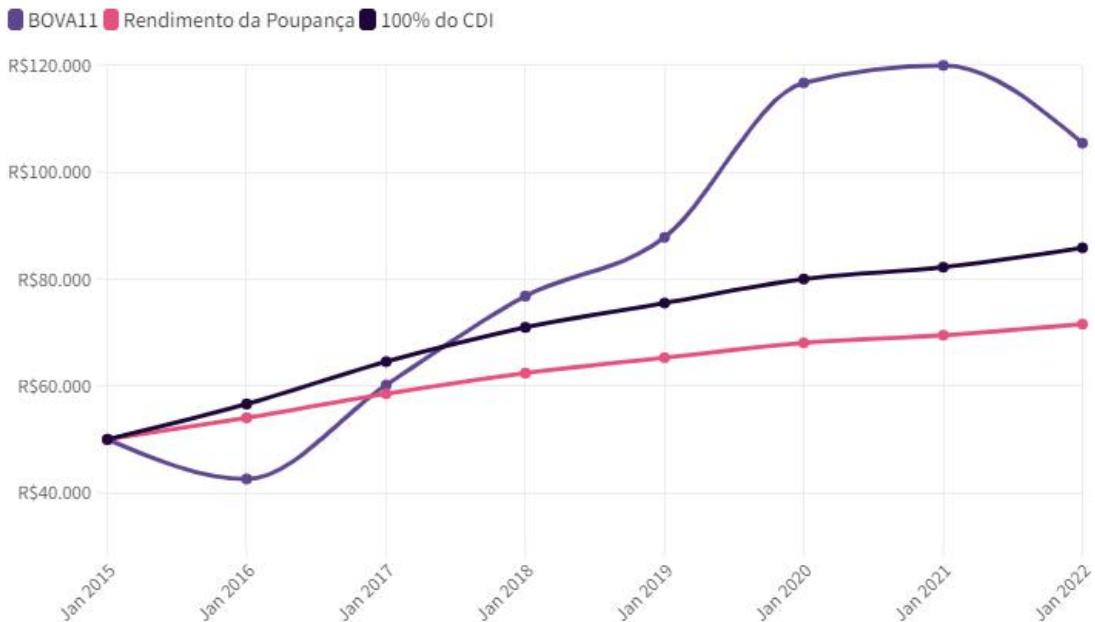
Por outro lado, conforme Gráfico 03, 15% dos jovens aplicaram seu dinheiro na "Caderneta de Poupança", são amplas as razões, uma delas está na segurança, pois quanto mais podem poupar, especialmente em período de pandemia, os jovens tem alguma segurança em eventual emergência. Na poupança, assim, os rendimentos podem ser poucos se comparados a outros investimentos, porém, a segurança é um dos pontos interessantes dessa modalidade.

O Banco Central, por exemplo, informou que no mês de março de 2022, a Caderneta de Poupança está com um rendimento mensal de: 0,6559. Desta forma, esses números do BC (2022) são resultados da Taxa Selic, que operava em: 10,75 a.a. O BC, junto com a B3 (2022), destacou um gráfico onde realizaram uma simulação de quanto renderia 50.000 mil reais em 7 anos, isto é, de janeiro de 2015 até janeiro de 2022.

Gráfico 5 - Rendimento em 7 anos na Poupança, Renda Fixa e Bolsa de Valores

Poupança x Renda Fixa x Bolsa de Valores

Comparativo entre investir R\$50 mil em cotas do BOVA11, na Poupança e em aplicação que rende 100% do CDI



Fonte: Banco Central/B3, 2022.

Conforme o Banco Central – BC – e B3 (2022), destacado no Gráfico 04, um jovem que, por exemplo, investiu 50.000 mil reais na Caderneta de Poupança no ano de 2015/Jan., em 2022/Jan. teria um rendimento de: R\$ 71.572,01 mil. Isto é, teria em

7 anos um retorno de R\$ 21.572,01 mil. Para efeito de informação, usando o mesmo gráfico, quanto será que o jovem o mesmo valor ganharia na Bolsa de Valores e Renda Fixa?

Por outro lado, na Renda Fixa, com 100% da CDI, se fosse investido R\$ 50.000 mil nessa categoria, de 2015 até 2022 teria um rendimento de: R\$ 85.851,96 mil. Ou seja, o segundo que mais lhe daria retorno, com um ganho de R\$ 35.851,96 mil. Assim, o maior rendimento ficou na Bolsa de Valores. Pois, se investir R\$ 50.000 mil na BOVA11, de acordo ao BC/B3 (2022), mesmo com risco, um jovem teria como rendimento: R\$ 105.448,11. Isto é, teria um retorno de: R\$ 55.448,11 mil.

2.4 GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS PELOS JOVENS

A atitude financeira é vinculada às ações de planejamento realizadas no âmbito das finanças pessoais. Sendo assim, conforme Silva, Teixeira e Beiruth (2016, p. 118):

O planejamento financeiro é o processo de gerenciar seu dinheiro, para atingir a satisfação pessoal. Para eficácia do planejamento financeiro faz-se necessário a utilização de planilhas financeiras, fluxo de caixa para identificar os gastos necessários e eliminar os gastos excedidos sobre a renda obtida, como também é necessário o entendimento sobre a relação entre o dinheiro e as variáveis que influenciam o comportamento das pessoas, como poder e luxo.

Assim, o autor destaca que o planejamento permite atingir a satisfação pessoal e, para sua eficácia, é fundamental utilizar planilhas financeiras, fluxo de caixa, além da análise de gastos, verificando os necessários e desnecessários que causam grande impacto na renda. Também se faz determinante a conscientização sobre a relação entre dinheiro e fatores que determinam o comportamento financeiro das pessoas (SILVA; TEIXEIRA; BEIRUTH, 2016).

Sendo assim, é importante que os jovens busquem essas ferramentas de controle dos gastos e receitas, como planilhas financeiras e até mesmo aplicativos que possibilitam esse controle das finanças. Para que, assim, deixem de confiar as finanças à memória, falhem no planejamento e contrair dívidas desnecessárias, buscando também as informações necessárias para gerir suas finanças.

O comportamento financeiro gera reflexos diretos nas finanças pessoais e no bem-estar financeiro. Assim, deve-se compreender os pensamentos no momento da compra, o pagamento de contas no prazo adequado e seguimento do orçamento,

realização de poupanças e empréstimos para cobrir despesas. Destaca-se que não só o conhecimento sobre aspectos econômicos ou contábeis são suficientes para causar equilíbrio ou desequilíbrio no comportamento financeiro, mas também os fatores que incidem nessas ações (DONADIO, 2014).

Dessa forma, comprehende-se que o conhecimento financeiro e a conscientização sobre esses e outros fatores são de grande importância para uma melhor gestão e equilíbrio nas finanças pessoais de jovens. O conhecimento financeiro abrange a experiência acerca da gestão das receitas, gastos e poupança pessoal ou familiar de forma eficiente (POTRICH et al., 2014). Também envolve fatores como inflação, taxa de juros, valor da moeda ao longo do tempo, investimentos, retornos, riscos, diversificação, entre outros mercado de aços.

Assim, conforme Potrich *et al.* (2014), a educação financeira terá como foco principal o conhecimento financeiro do indivíduo e seus diferentes aspectos. A alfabetização financeira, por outro lado, também abarca os comportamento e atitude financeira, em conjunto com os fatores que incidem nessas variáveis.

Para que os jovens estejam preparados para administrar suas finanças, é importante que tais conhecimentos sejam explorados no ensino formal. Conforme estudos como o de Vanderley, Silva e Almeida (2020) destacam as influências negativas que podem ser geradas na vida adulta, pela falta da educação financeira para crianças e adolescentes, que podem gerar até transtornos psíquicos devido ao descontrole financeiro.

Os resultados indicam que crianças e adolescentes começam precocemente a lidar com dinheiro; que a escola é um importante veículo de conscientização e cultura de um ensino que busque esse aporte; que a Educação Financeira é fator primordial para que, na fase adulta, crianças e adolescentes administrem com responsabilidade os seus ganhos financeiros, facilitando e promovendo um adulto emocionalmente equilibrado, pois o descontrole financeiro e a falta de dinheiro acarretam transtornos emocionais que refletem na vida de todos envolvidos. Além disso, percebemos que tanto a família quanto a escola são responsáveis por ensinar crianças e adolescentes a lidarem com dinheiro de forma responsável (VANDERLEY; SILVA; ALMEIDA, 2020, p. 149).

Dessa forma, ensinar ainda na fase da infância e adolescência permite que, tanto na juventude, quanto na fase adulta e velhice, haja uma conscientização sobre as finanças pessoais. Trazendo benefícios a gestão da renda e também em âmbito psicológico, familiar e social. Dessa forma, a família e a escola se tornam um dos principais responsáveis por passar tais conhecimentos sobre a administração do

próprio dinheiro.

No entanto, a educação financeira não é presente nas escolas e cursos em geral, o que invibializa a educação de adolescentes e jovens de todas as camadas, sendo restrito apenas para alguns cursos como Contabilidade, Economia. É preciso reconhecer as evidências da importância da educação financeira inserir tais conhecimentos na formação escolar (STRAVIZ et al., 2021). Também é importante que o Estado crie políticas e mecanismos para fazer chegar tais informações às escolas, aos jovens e às famílias.

Sendo assim, enquanto tais conhecimentos não se ampliam ao ensino formal, também é importante que os jovens busquem conhecimentos relacionados à educação financeira, especialmente os que tem maior facilidade de acesso à internet. Buscando informações sobre as variáveis que compõem a educação financeira, o comportamento financeiro para ter mais consciência sobre as motivações sobre os gastos, ampliando o conhecimento financeiro. Não se pode esquecer, no entanto, de uma parcela de jovens que não tem acesso ao ensino formal, internet e por vezes até energia em suas cidades, não podendo atribuir somente a esses jovens que busquem tais conhecimentos. Ao mesmo caso, nem todas as famílias tem acesso a tais informações.

Ressalta-se que alta disponibilidade e facilidade de acesso atual na compra de diversos produtos, seja presencialmente, mas especialmente virtualmente, impulsiona ainda mais a aquisição de bens duráveis e não duráveis. Adquirir, receber e consumir tais bens está cada vez mais rápido e menos burocrático, o que pode também trazer reflexos negativos e ressaltar ainda mais a necessidade de se ter uma educação financeira sólida e antes da fase jovem no Brasil.

Somente a partir da educação financeira de jovens será possível fornecer conhecimentos e possibilitar a conscientização dessa população para uma gestão mais equilibrada de suas finanças, garantindo um futuro sem restrições e com melhor qualidade de vida. A maior parte dos adultos se endividou ainda na juventude, com grande possibilidades dos jovens atuais serem os futuros endividados (STRAVIZ et al., 2021).

A educação financeira torna possível a gestão das variáveis que fazem parte das finanças pessoais, que podem parecer difíceis de controlar, mas que permitem controlar, economizar, investir e até mesmo multiplicar tal renda.

Sendo assim, conforme Almeida e Costa (2020, p. 05):

Para começar a tratar sobre a importância da educação financeira, precisamos considerar 3 conceitos, que são: ganhar, economizar e investir. Isso pode parecer bastante óbvio, mas nem sempre é algo que faz parte da vida das pessoas. Ao menos das que passam por dificuldades constantemente. O fato é que certamente as pessoas bem-sucedidas, em seu meio de atuação, sabem bem como funcionam esses conceitos e extraem deles seu melhor proveito.

Dessa forma, é importante considerar os conceitos de ganhar, economizar e investir, dominando-os nas finanças pessoais para que se possa ter o melhor proveito da renda. Nesse contexto, é fundamental registrar todas as entradas e saídas para um melhor acompanhamento e criação de estratégias de ampliação da renda ou economia. Economizar parte da renda permite direcionar determinados valores para investimentos e construir uma prosperidade financeira (VANDERLEY; SILVA; ALMEIDA, 2020).

O acompanhamento e análise dos jovens de seus gastos diárias, mensais e anuais permite um maior planejamento para investimentos e criação de diferentes fontes de renda e múltiplas modalidades de investimento (SILVA *et al.*, 2017).

Além disso, permitirá maior consciencia sobre sua cultura e motivações, que tem grande influência em seu comportamento financeiro. Tais ações irão possibilitar atenuar os efeitos da pandemia nas finanças pessoais de jovens e permitir que essa parte da população administre melhor seus bens e não se endividem tanto, prejudicando até mesmo a vida adulta.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa utilizada no presente trabalho, em relação à

coleta de dados, é bibliográfica, método em que se realiza uma busca e identificação de materiais e conceitos disponíveis na literatura acerca de um problema de pesquisa.

Segundo os autores Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 66), pesquisa bibliográfica é:

[...] o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico.

Para Severino a pesquisa bibliográfica realiza-se pelo:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Assim, foram pesquisados artigos científicos, monografias, teses, dissertações, livros e obras em bibliotecas virtuais, como: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Portal Periódicos CAPES e Google Scholar acerca do referido tema.

Os critérios de inclusão foram: estudos publicados entre os anos de 2015 e 2022 de forma a priorizar artigos mais recentes, texto completo e com informações que respondessem ao objetivo geral da pesquisa. Como critério de exclusão foram retirados os documentos duplicados, bem como os de língua estrangeira.

O estudo teve como objetivo caráter exploratório, visto que buscou responder a problemática proposta no presente trabalho, bem como coletar bibliografia nas bases de dados. Além disso, o estudo teve como objetivo de caráter descritivo, visto que buscou descrever os fenômenos, conceitos e dados aqui apresentados.

O autor Assis (2013, p. 18), elucida que a pesquisa descritiva “visa observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados sem interferência, sem manipulação do pesquisador.”

A pesquisa exploratória é realizada quando o tema escolhido é pouco explorado, sendo difícil a formulação de hipóteses. Muitas vezes esse tipo de pesquisa se constitui em um primeiro passo para realização de uma pesquisa mais

aprofundada. (OLIVEIRA, 2018)

Por fim, quanto à natureza se classifica como qualitativa e quantitativa, visto que buscou apresentar os dados coletados, bem como analisá-los.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta etapa, serão examinados os dados observados e as informações obtidas sobre os impactos da pandemia na economia, a importância da gestão de finanças pessoais, o impacto da covid-19 nas finanças dos jovens brasileiros e vão ser demonstradas soluções que possam auxiliar os jovens na gestão de finanças.

A pandemia foi reconhecida pela OMS(Organização Mundial da Saúde) em 11 de março de 2020. A partir disso, medidas de restrição e distanciamento social foram adotadas para evitar aglomerações e mais contágios, por isso, diversas atividades econômicas foram paralisadas.

A economia brasileira sofreu uma forte contração devido à pandemia. Em 2020, o PIB do país registrou uma queda de aproximadamente 4,1%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa queda foi impulsionada por fatores como a paralisação de setores-chave, como o comércio, turismo e serviços.

A pandemia causou uma significativa redução de postos de trabalho no Brasil. Milhões de trabalhadores perderam seus empregos devido ao fechamento de empresas e à redução da atividade econômica. Segundo dados do IBGE, a taxa de desemprego no país atingiu níveis historicamente altos, isso é demonstrado no gráfico 1, ilustrando que 19,6% da população teve uma diminuição na renda em 2020.

Devido aos fatores elencados acima, juntamente com o lockdown muitos trabalhadores formais, informais e autônomos foram afetados enfrentando dificuldades de obter renda para suas necessidades básicas. Nesse contexto o auxílio emergencial foi a única saída encontrada pelo governo como medida paleativa, contudo, essa

alternativa se mostrou limitada fazendo com que muitas pessoas tivessem quem recorrer a reservas de emergências, gerar renda extra e reduzir despesas.

Nesse contexto entra a gestão financeira pessoal que envolve o controle, planejamento e utilização adequada das ferramentas para maximizar o uso do dinheiro, criar reservas de emergência, realizar investimentos e alcançar metas financeiras.

No entanto, no Brasil as finanças pessoais são pouco discutidas nas escolas e instituições de ensino, o que pode levar a problemas financeiros. Isso pode ser exemplificado na pesquisa do SPC(2019) que demostrou que aproximadamente 36% dos brasileiros não controlam as próprias finanças. As principais causas relatadas são relacionadas a preferir administrar de cabeça, pois não vê necessidade de controle de todos os gastos (23%), não conseguir administrar por falta de disciplina (18%), por preguiça (12%) ou falta de tempo (11%).

A má gestão financeira pessoal pode ter impactos negativos, impactos esses que são potencializados em momentos de crise econômica global.

O estudo de Barbosa et al. (2021) revelou que antes da pandemia, a maioria dos estudantes não realizava um planejamento financeiro estruturado e confiava apenas na memória para controlar suas finanças. No entanto, após a pandemia, eles sentiram a necessidade de planejar suas finanças de forma mais organizada e sistematizada, devido aos reflexos negativos que a pandemia trouxe na vida desses jovens, como redução de renda, aumento de custo e necessidade de reserva de emergência.

Já Machado (2020) mostrou que a maioria dos estudantes de Ciências Contábeis se sente razoavelmente segura para administrar seu próprio dinheiro e faz anotações e análises de gastos regularmente. Além disso, a pandemia levou a mudanças na forma como os estudantes realizam compras, com um aumento nas compras online.

O contraste entre o estudo de Barbosa e Machado demonstra que o ensino de finanças pessoais, comum no curso de ciências contábeis, trás efeitos positivos em relação a gestão financeira pessoal.

Lima (2021) revelou que mais de 43% dos jovens brasileiros investem em negócios com base em informações de redes sociais e influenciadores. No entanto, muitos jovens correm riscos ao investir com base em informações de fontes não confiáveis. A pesquisa também mostrou que mais de 70% dos jovens estão

economizando dinheiro, mas essa proporção varia de acordo com a classe social. Nas classes sócias menos favorecidas muitos jovens enfrentam dificuldades financeiras devido a despesas básicas elevadas e baixos salários.

Magalhães (2021) avaliou o comportamento financeiro dos estudantes de administração, ilustrado no gráfico 2, durante a pandemia e constatou que a maioria dos estudantes se sentem pouco seguro ou nada seguro (52%) sobre finanças pessoais e deseja aprender mais. Um ponto que tem que ser levado em consideração são que muitos jovens estão desempregados e têm dificuldades em investir devido a restrições financeiras e não por falta de interesse no assunto.

Outra pesquisa realizada por Ernest and Young (2020) ilustrada no gráfico 3 mostrou que os jovens estão preocupados com a situação econômica do Brasil e a saúde de seus familiares. A pesquisa também revelou preocupações com emprego, acesso a necessidades básicas e impacto social. A instabilidade econômica e as restrições causadas pela pandemia afetaram a vida financeira dos jovens e transformou a preocupação com as necessidades básicas o maior foco da população.

Em relação aos investimentos dos jovens, o gráfico 4 que ilustra a pesquisa de Magalhães(2021), destacou que apenas uma pequena porcentagem de 36% conseguiu investir, desses a maioria prefere investir em opções mais seguras, como a Caderneta de Poupança(15%), devido à segurança e à facilidade de acesso aos fundos em caso de emergência. No entanto, alguns jovens estão começando a se interessar por investimentos na Bolsa de Valores(10%), buscando segurança financeira e retorno de longo prazo.

Além disso, a pesquisa da B3 (2022), que é a bolsa de valores brasileira, apontou que houve um aumento significativo no número de jovens investidores nos últimos anos. Atualmente, mais de 600.000 jovens com até 24 anos têm contas na B3, representando 12% dos investidores, antes em 2016 os investidores mais jovens representavam apenas 1% do total.

Em resumo, os estudos analisados destacam a importância da educação financeira entre os jovens, especialmente diante das mudanças econômicas e das incertezas causadas pela pandemia. A falta de conhecimento financeiro e as restrições financeiras afetam a capacidade dos jovens de planejar suas finanças e investir adequadamente. A busca por segurança financeira e o desejo de obter retornos mais imediatos são desafios enfrentados pelos jovens na gestão de suas finanças pessoais.

Segundo Silva, Teixeira e Beiruth(2016) para a eficácia do planejamento financeiro é necessário usar planilhas financeiras e de fluxo de caixa para identificar gastos necessários e desnecessários sobre a renda obtida.

O comportamento financeiro tem impacto direto nas finanças pessoais e no bem-estar financeiro, incluindo pensamentos no momento da compra, pagamento de contas em dia, seguimento do orçamento, poupança e o uso de empréstimos para cobrir despesas.

A principal ferramenta que o jovem tem para a gestão de finanças é o estudo de conhecimento teórico sobre o tema, esses conhecimentos são o começo da solução para os problemas apresentados, e irão estruturar a procura de soluções práticas para os problemas financeiros enumerados anteriormente.

A gestão financeira adequada passa pelos seguintes fatores a capacidade de, a criação de reservas de emergência, a redução do endividamento e o estabelecimento de metas financeiras realistas. Aprender como construir uma estabilidade financeira e um orçamento realista fazem parte de um futuro financeiro saudável.

O ideal é que essa educação financeira comece na infância e adolescência para que os jovens desenvolvam uma conscientização sobre finanças, e tanto a família quanto a escola têm a responsabilidade de ensinar os jovens a lidar com dinheiro de forma responsável. A educação financeira não é amplamente incorporada ao ensino formal, sendo restrita a alguns cursos específicos. Enquanto a educação financeira não se torna parte do currículo escolar, é importante que os jovens busquem conhecimentos relacionados à educação financeira, utilizando recursos disponíveis, como a internet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos da pandemia e a instabilidade no eixo social e econômico são sentidos em múltiplos âmbitos, nas finanças dos jovens não foi diferente. A perda de emprego pessoal ou de familiares, redução de salários e renda, aumento da inflação que, consequentemente, amplia o custo de vida, foram uns dos principais fatores que influenciaram negativamente nas finanças pessoais de jovens. Além disso, como destacado, a maior parte dos adultos se endividou ainda na fase da juventude. Nesse âmbito, as finanças pessoais e suas ferramentas são de grande relevância para manter uma vida financeira mais equilibrada, especialmente em momentos de crise e pandemia.

Antes da pandemia, a maior parte dos jovens realizava uma gestão das finanças confiada somente à memória, sem registrar ou monitorar ganhos e gastos. Após a pandemia, diante dos impactos da Covid-19 na economia, a gestão das finanças pessoais se torna ainda mais crucial. É necessário ter um controle eficiente dos gastos, estabelecer um planejamento financeiro adequado e buscar formas de economizar e investir com sabedoria. Abordou-se que muitos jovens não obtinham reserva de emergência, no entanto, com a pandemia viram sua relevância e necessidade. No entanto, destaca-se que os jovens que mais sentiram os efeitos foram os das classes mais baixas e que administravam bem suas finanças, muitos tiveram redução de renda, perderam empregos ou enfrentaram dificuldades de ingressar no mercado de trabalho.

Sendo assim, a educação financeira é uma área que permite a conscientização

sobre variáveis das finanças pessoais. É importante considerar o conhecimento e comportamento financeiro para compreender os gastos, a criação de um plano de orçamento, mas também a cultura e motivações de cada indivíduo em suas ações na área das finanças. Por isso o investimento na educação financeira tem se mostrado cada vez mais relevante ainda na infância e na adolescência, de forma a evitar prejuízos causados posteriormente, na fase adulta, e permitir maior equilíbrio financeiro dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, A; BOTELHO, D. Alfabetização e Educação Financeiras dos Graduandos Brasileiros e o Impacto da Pandemia da Covid-19 em suas Finanças Pessoais. **XLV Encontro da ANPAD**, 4 a 8 out. de 2021. Disponível em:anpad.com.br/uploads/articles/114/approved/632cee946db83e7a52ce5e8d6f0fed35.pdf. Acesso em: 10 de fev. de 2022.
- ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. Faculdade do Sertão (UESSBA) – Pedagogia. 2013. Disponível em <https://www.docsity.com/pt/por-maria-cristina-de-assis-metodologia-do-trabalho-cientifico/4863932/>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- B3, Bolsa de valores. Investidor Brasileiro fica mais 'jovem'. **Rev.Ist.Din.**, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.istoeedinheiro.com.br/investidor-brasileiro-fica-mais-jovem/> Acesso em: 22 de abr. de 2022.
- BARBOSA, H; SANTANA, L; SANTANA, J. et al. Percepção de Estudantes Universitários Sobre o Impacto da Pandemia Nas Finanças Pessoais: Um Estudo Na Universidade Federal de Sergipe. **Rev. Refas**, v. 8, n. 2, nov. de 2021. Disponível em: <http://www.revistarefas.com.br/index.php/RevFATECZS/article/view/531>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.
- CORSEUIL, C; FRANÇA, M; POLOPONSKY, K. A Inserção Dos Jovens Brasileiros No Mercado De Trabalho Num Contexto De Recessão. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/YpyPKctgxHDdcNty58SyZLr/>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.
- DONADIO, R. **Educação Financeira de estudantes universitários**: uma análise dos fatores de influência. Tese (Doutorado) –UNINOVE, São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uninove.br/xmlui/handle/123456789/685>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.
- ERNST, Theodoro; YOUNG, Arthur. **Consumo e Pandemia**: as mudanças de hábitos

e padrões de comportamento provocados pelo coronavírus. Vej.Abr.Ins., 29 de set. de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/> Acesso em: 12 de abr. de 2022.

FERNANDES, B. V. R.; MONTEIRO, D. L.; SANTOS, W. R. dos. **Finanças pessoais:** um estudo dos seus princípios básicos com alunos da Universidade de Brasília. CAP Accounting and Management, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 9-28, 2012. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/CAP/article/view/1415>. Acesso em 05 de Junho de 2023.

IBGE. Desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da pandemia no trabalho. 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

MACHADO, T. Finanças Pessoais: **Uma Análise do Perfil Financeiro Dos Alunos ee Ciências Contábeis da UFPB Durante a Pandemia da Covid-19.** Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020, 46 f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19270/1/TSM05022021.pdf>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

MAGALHÃES, Y. Uma análise do comportamento financeiro de estudantes de administração de uma Instituição Pública de Ensino durante a pandemia da Covid-19. Monografia (Bacharelado em Administração) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/1478/1/Yannessa%20Stefanny%20Guedes%20Magalhães%20-%20Uma%20análise%20do%20comportamento%20financeiro..pdf>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa.** 7. ed Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes,2018.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. In: **Encontro Brasileiro De Economia E Finanças Comportamentais**, 01., 2014, São Paulo. Anais, São Paulo, 2014. Disponível em: <[http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/\[Mendes%20et%20al\]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf](http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/[Mendes%20et%20al]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf)>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.

SANCOSTA, Jordan. CDB, Certificado de Depósito Bancário e RDB, Recibo de Depósito Bancário, o que são e como funcionam? **Por.Inv.**, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.investidor.gov.br/menu/Menu_Investidor/Old/Valores_Mobiliarios/CDB_RDB.html Acesso em: 19 de abr. de 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Luiza Paz et al. Finanças pessoais: análise do nível de educação

financeira de jovens estudantes do IFPB. **Revista Principia**, João Pessoa, n. 41, p. 215-224, jun. 2018. ISSN 2447-9187. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2174>. Acesso em: 15 de abr. de 2023.

SILVA, Pâmela; BILAC, Doriane; BARBOSA, Sandra. Contribuição da Contabilidade para as Finanças Pessoais. **Humanidades e Inovação**, v. 4, n. 5, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/480>. Acesso em: 15 de abr. de 2023.

SILVA, Rogério; TEIXEIRA, Arilda; BEIRUTH, Aziz. Volume 5, Número 10Jul./Dez. Finanças Pessoais E Educação Financeira: O Perfil Dos Servidores Públicos De Um Município Do Centro-Oeste Brasileiro. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 5, n. 10, jul./dez. 2016, p. 113-136. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/1382/1574>. Acesso em: 15 de abr. de 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos**. Cadernos da Fucamp, Minas Gerais, v. 20, n. 43, pp. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 16 jun. 2023

SPC BRASIL. **Cresce para 63% o número de consumidores que controlam suas finanças, revelam CNDL/SPC Brasil e Banco Central**. 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/5873>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

STRAVIZ, B. et al. Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) - Ano 2019: Uma análise das variáveis de influência nos resultados do Mato Grosso do Sul. **Anais - 18º Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade**, Universidade de São Paulo, São Paulo 28 a 30 de julho de 2021. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/21UsplInternational/ArtigosDownload/3107.pdf>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.

VANDERLEY, M.; SILVA, J.; ALMEIDA, S. Educação financeira na infância e adolescência e seus reflexos na vida adulta: uma revisão de literatura. **Revista JNT, Facit Business and Technology Journal**, v. 01, n. 20, 2020. Disponível em: <https://jnt1.websitseguro.com/index.php/JNT/article/view/825>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.